
As Imagens do Sertão na Literatura Nacional

O projeto da modernização na formação territorial brasileira a partir dos
Romances Regionalistas da Geração de 1930

*Las Imágenes del Sertão en la Literatura Nacional: El proyecto de modernización
de la formación territorial brasileña a partir de los Romances Regionalistas de la
Generación de 1930*

*Les images du Sertão dans la littérature nationale : le projet de modernisation
dans la formation territoriale brésilienne d'après les romans régionalistes de la
Génération de 1930*

*The Images of Sertão in the National Literature: The project of modernization in
Brazilian territorial formation from the Generation of 1930's Regionalist Novels*

Artur Monteiro Leitão Júnior



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/468>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.468

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia
e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Artur Monteiro Leitão Júnior, « As Imagens do Sertão na Literatura Nacional », *Terra Brasilis (Nova
Série)* [Online], 1 | 2012, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 14 novembro 2019. URL :
<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/468> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.468

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

As Imagens do Sertão na Literatura Nacional

O projeto da modernização na formação territorial brasileira a partir dos Romances Regionalistas da Geração de 1930¹

Las Imágenes del Sertão en la Literatura Nacional: El proyecto de modernización de la formación territorial brasileña a partir de los Romances Regionalistas de la Generación de 1930

Les images du Sertão dans la littérature nationale : le projet de modernisation dans la formation territoriale brésilienne d'après les romans régionalistes de la Génération de 1930

The Images of Sertão in the National Literature: The project of modernization in Brazilian territorial formation from the Generation of 1930's Regionalist Novels

Artur Monteiro Leitão Júnior

Prólogo: os literatos e os discursos literários

- 1 A Arte impõe-se como um cosmo de possibilidades etéreas e transcendentais, um universo de manifestação das pulsões e das paixões humanas, capaz de transpor as limitações imperiosas da sua condição objetiva imediata de existência e de alçar as condições terrenas e mundanas da humanidade ao nível do sublime. Encarnando as emoções, percepções e ideias em meios e materiais tangíveis – as *obras de arte* –, a Literatura reveste-se, enquanto manifestação legítima de um campo artístico, de uma *licença poética* e dá vazão a uma recôndita e profunda sensibilidade.
- 2 A Ciência, por outro lado, valendo-se de uma linguagem denotativa e alicerçada em um caráter primordial de objetividade informativa, reproduz-se no âmbito de um universo de conhecimentos sistemáticos e metódicos, voltados, em suma, para o esforço de ampliação da compreensão humana acerca do cosmo em que vive. O universo científico é autônomo e independente, múltiplo e variegado, capaz de se autorreproduzir e de

constantemente se reinventar, modificando os seus sustentáculos e atualizando as suas bases fundantes.

- 3 Esses dois universos, aparentemente longínquos e imiscíveis, se entrecruzam de modo profícuo, estabelecendo uma união de elementos tão opostos quanto complementares, cujas relações abrem um interessante campo investigativo em que os sentimentos manifestos pela Arte dão guarida e/ou nutrem as concepções racionais mobilizadas e ordenadas pelo campo científico – e vice-versa. Isso porque na relação Arte-Ciência – ou mais particularmente, para este estudo, na relação Geografia-Literatura –, os artistas-literatos imbuem suas obras de uma identidade que denuncia a conexão obrigatória com a realidade, uma vez que tais obras possuem uma autoria sujeitudinal e são timbradas por uma escala espacial e temporal específica.
- 4 Destarte, por mais fantasiosas e ficcionais que sejam as narrativas literárias, ou por mais que revelem dilemas e questões universais da saga humana pela superfície terrestre, elas sempre trazem embutidas em si um registro genético: enquanto seres sociais e discursivos, os literatos comungam, com outros indivíduos – seus pares –, as mesmas diretrizes gerais de determinadas *ideologias* ou *concepções de mundo*, manifestando e expressando, com base nelas, descrições e/ou julgamentos, tácitos ou explícitos, da realidade sobre a qual estão assentados; assim, a própria percepção da realidade é realizada segundo um arcabouço prévio, o qual assume um sentido significativo para a compreensão e interpretação dos enredos, personagens e ambientes literários.
- 5 O que se tem posto é, pois, que o *discurso* implica na consideração das condições histórico-sociais e filiações ideológicas dos sujeitos discursivos – nesse caso, sujeitos-escritores. A produção discursiva encontra-se marcada por conflitos e embates que lhe são estruturais, pois as ideologias que interpelam os sujeitos no interior de uma sociedade são diversas, manifestando distintas *tomadas de posição* e configuração de diferentes *concepções* ou *visões de mundo*. Dentre as muitas formas que pode assumir, a Literatura apresenta-se como um interessante aporte discursivo, uma vez que, por meio desta instância artístico-cultural, o “coro dos contentes” também encontra brechas para o desafinamento dos atores sociais inconformados, revestida que está de uma *aura* que lhe confere o estatuto de importante campo estratégico para o “descortinamento” das forças e tensões pertinentes às estruturas sociais.
- 6 No limite, este estudo busca perscrutar, nos *discursos literários*, as concepções de mundo inscritas, explícita ou tacitamente, nas obras, patenteando sua origem sócio-histórica e sua inserção em um contexto de debates ideológicos, nos quais os literatos constituem uma parcela significativa da *intelligentsia* nacional. Para o tempo histórico em foco – a primeira Era Vargas (1930-1945) –, a *intelligentsia* constituía-se no fórum privilegiado de circulação das posições e oposições, das ideias e suas antíteses, referentes aos calorosos debates sobre os conteúdos essenciais e mais amplos da formação territorial e nacional brasileira – incluídos aí a questão acerca da modernização dos *sertões* nacionais.
- 7 Desse modo, as interpretações de como *são* ou *deveriam ser* os aspectos e elementos constituidores da realidade mais imediata, vivenciada, contribuem para a formação dos literatos enquanto sujeitos e, em última instância, os inscrevem em um lugar socioideológico e histórico marcado, deixando entrever, em suas obras, as substâncias mais ou menos profundas das crenças e dos valores coletivos dos quais são “porta-vozes” – transformando tais escritores, como afirma Goldmann (1979), em *indivíduos expressivos*, isto é, indivíduos que conseguem expressar e/ou melhor discorrer, a partir

de seus escritos, sobre uma visão de mundo compartilhada por um determinado grupo social.

- 8 Ante essas considerações, a Arte comunga com a Ciência a possibilidade de leitura da realidade: no plano artístico, no entanto, a realidade pode ser forjada em matizes verossímeis ou idealizadas, mas sempre referenciada na linguagem concreta do que se conhece, admitidas as indicações histórico-geográficas. Portanto, ainda que não sejam – ou pretendam ser – retratos absolutamente fidedignos à realidade, as obras literárias possuem uma inserção obrigatória em uma dada esfera socioespacial e, por conta dessa inserção, os discursos literários tendem a expressar *pensamentos geográficos*², sedimentando concepções e difundindo valores – *ideologias geográficas* –, os quais engendram uma espécie de “senso comum”, uma mentalidade coletiva acerca do espaço.
- 9 Reclamando uma hermenêutica das *visões de mundo* entranhadas em seus enredos, os discursos literários permitem apreender e conjecturar o entendimento dos intelectuais-literatos em relação à realidade – em seus aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e espaciais – da qual são sujeitos sociais. No âmbito desse escopo diagnóstico e programático, as *litteris* (letras) dos literatos e as ideias dos pensadores sociais brasileiros se uniram em torno da interpretação da *alma brasileira*, das causas e modelos da formação territorial e nacional brasileiras, revelando certa vantagem comparativa das obras artístico-literárias em relação aos ensaios e publicações científicas: na promoção de uma leitura (aliada, a partir do referencial ideológico do autor, de uma interpretação valorativa) do factual e do concreto, a arte literária pode difundir ideologias e valores de modo bem mais amplo, obtendo maior êxito na *formação das almas* de um vasto público leitor; assim, por seu caráter “mais leve”, a Literatura guarnece-se de um timbre notório na divulgação e legitimação de concepções de mundo, dando aos literatos uma posição de autêntica e distinta representatividade no seio da *intelligentsia* nacional.
- 10 Considerando a relação entre as ideologias e a eficácia política pleiteada pelos discursos, torna-se possível, a partir da *poiese*, resgatar o pensamento ideológico que o literato busca dar vazão, inserindo-o no contexto dos embates e forças ideológicas maiores, presentes na complexidade social de seu tempo. A extração dos embates imbricados nos discursos é atrativa no sentido de perscrutar, a partir de análises e interpretações retrospectivas, quais proposições encontraram legitimidade/eficácia política, relegando às demais a sua dissolução (o relativo *esquecimento*) ao longo da História, uma vez que o “oficialismo” histórico apresenta uma nítida empatia pelos ditos “vencedores”.
- 11 A partir desses pressupostos, assenta-se que o objetivo central deste estudo é analisar como a ideia de *Sertão* é construída discursivamente ao longo das obras mais representativas dos Romances Regionalistas da Geração de 1930³, construindo um painel do modo de abordagem valorativa do Sertão relacionado aos projetos estatais-nacionais coetâneos acerca da formação e modernização do território.

A noção de Sertão nas interpretações e narrativas ensaísticas sobre o Brasil

- 12 Mirando o deslindamento e/ou descrição do “Brasil real”, a história nacional, sobretudo no período de 1870 até meados do século XX, viu florescer obras de nítidos e candentes tons ensaístas, preocupadas em responder questões como: “*O que é o Brasil?*”, “*Qual a essência brasileira?*”, “*Como se estrutura o território e o povo brasileiros?*”; intelectuais de expressiva autoridade – tais como: Cassiano Ricardo, Nelson Werneck Sodré, Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna, Nestor Duarte, Raymundo Faoro, Elísio de Carvalho e Sérgio Buarque de Holanda – buscaram refletir e responder a estas e outras questões. Em suas obras, aliadas às obras dos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz e aos relatos de viagens dos militares da Missão Rondon, emergiu um panorama de partição arquetípica do Brasil segundo a dualidade *Sertão/Litoral*⁴.
- 13 Essa dualidade alimentou um espírito interpretativo amplamente incorporado, configurando-se como um modelo quase obrigatório no *zeitgeist* do campo científico – ou mesmo das estruturas socioculturais *lato sensu* – à época. Assim, sob os sedutores discursos dos intérpretes do Brasil, em que pesa a emblemática obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1909) – ela mesma localizada fronteiriçamente entre as instâncias da Literatura e das descrições científicas –, a arte literária sorveu o paradigma dicotômico bipartido, também se embrenhando nos esforços de revelação do Brasil, voltando-se para a sua hinterlândia (ou, em outros termos, para os seus *sertões* plurais) e dando novo fôlego e novas bases para os ditos romances regionalistas. Em todo caso, o que o momento histórico conclamava era a (re)descoberta da Nação, pintando um heterogeneamente valorado quadro de atribuição à partição sertaneja a condição de *fronteira* entre o civilizado/moderno e o atrasado/arcaico.
- 14 Nesse contexto, os “vazios” disponíveis e incontestavelmente brasileiros constituíram-se em essências do sentimento patriótico, transformando a história nacional em um contínuo processo de expansão territorial. Assim, fundou-se a imagem do Brasil enquanto *pátria geográfica*: nação feita de espaços “vazios” e inextinguíveis, com ideais perpétuos de conquista e usufruto do espaço – ou seja, com um movimento que, partindo dos seus próprios centros político-econômicos, precisa ser diuturnamente feito.
- 15 No âmbito das interpretações e narrativas do Brasil enquanto nação feita primordialmente de espaço, as proposições dos pensadores sociais e dos literatos ganharam grande vulto, buscando o Brasil dentro de seus limites internos por meio de textos que versavam sobre a sociogênese nacional a partir da partição entre as porções territoriais de Sertão e Litoral, descritas em seus conteúdos humanos e fisiográficos. Avaliada e diagnosticada, a paisagem brasílica tornou-se, pois, alvo de uma retórica programática e prospectiva, abarrotada de orientações sobre exclusões e inclusões dos elementos existentes nessas porções, sob o objetivo de imiscuir as características positivas de ambos – e anular ou neutralizar as características julgadas desagradáveis – para a constituição da nação desejada, ou, conforme Souza (1997, p.17), “para fazer do Brasil grande um grande Brasil.”
- 16 Enquanto julgadora autorizada, a *intelligentsia* nacional edificou representações de como o Brasil *era* e de como *deveria ser*, engendrando textos sociográficos e literários ideologicamente marcados – nem de longe inocentes –, projetando transformações que

apontavam para um Brasil novo, congregando a riqueza da terra com a redenção de um grande povo unificado. Nesse escopo do jogo dualístico da bipartição territorial, espécie de rito interpretativo, a retórica quase sempre vociferava em prol da superação, em alguma medida, dos sertões: devendo ser arrasados por completo ou parcialmente (mantendo o caráter da legitimidade/autenticidade cultural), o mote básico era o da transubstanciação destes sertões em não-sertão, impetrada por uma “cruzada civilizatória e modernizadora”, originada nos centros do poder hegemônico e rumando em direção à hinterlândia caracterizada como Sertão⁵. Esse “avanço civilizatório” processar-se-ia sempre a partir do contraponto sertanejo – o *Litoral* –, o qual também fora valorado ambigualmente, “surgindo ora como parte civilizada que deve se estender ao interior, ora como porção degradada e inautêntica que deve se renacionalizar, absorvendo a pura brasilidade da hinterlândia.” (SOUZA, 1997, p.161).

- 17 Ademais, o resultado da “marcha civilizatória e modernizadora” não é a “anexação” permanente dos sertões aos domínios da soberania hegemônica, mas sim a (re)criação perpétua dos espaços sertanejos no âmbito da formação territorial e social brasileiras: sempre sob os signos da necessidade de *sintonia* aos centros político-econômicos hegemônicos do capitalismo mundial, as supostas condições do “atraso” do Brasil na concertação das nações alimentou constantemente um imaginário do território a conquistar, motivando uma vitalícia “marcha modernizadora”. Nesse processo, tornou-se recorrente o reconhecimento de porções territoriais apartadas e desintegradas aos núcleos hegemônicos do poder, reproduzindo incessantemente os *sertões* e, como corolário, as preocupações quanto à necessidade de alteração (superação) das suas condições sertanejas no âmbito da consolidação da brasilidade – é nessa perpetuação dos espaços de “lógicas atrasadas”, assim qualificadas quando comparadas à lógica hegemônica, que reside um dos cerne da *formação territorial* brasileira.
- 18 O constante desafio de “acertar o passo” aos centros hegemônicos – cujo lema assentava-se nas imperiosas necessidades de *civilizar-se* ou *modernizar-se* – perturbaram (e ainda perturbam) constantemente o heterogêneo seio da *intelligentsia* brasileira, a qual utilizou o campo literário como um dos suportes mais significativos e emblemáticos para dar vazão às suas angústias e aos seus (des)contentamentos.
- 19 Desse modo, o *Sertão* figurou como protagonista em grande parte do Pensamento Social Brasileiro, sendo interessante destacar que, nesta pesquisa, essa noção não expressa propriamente ou de modo apriorístico uma realidade fático-material, distinta por seus elementos naturais ou por uma determinada especificidade da paisagem humanizada, ainda que exista um imaginário acerca do qualificativo que se imputa a uma localidade como sertaneja: tal noção não se refere, pois, a um *local* (materialidade terrestre localizável, passível de ser delimitada e cartografada), mas a uma *condição* (um qualificativo básico imposto, implicando na valoração de determinadas condições locacionais), em geral a ser superada, conduzindo a contínuos processos de domínio territorial em diversos momentos históricos, calcados, sobretudo, num ideal expansionista e dialógico, uma vez que o Sertão só se expressa a partir do *não-sertão* (MORAES, 2009).
- 20 Portanto, o Sertão é concomitantemente o ambiente das secas e da Caatinga, semiárido, desértico e marrom, e o ambiente agreste ou florestado, verde, povoado e produtivo: é essa abrangência que, considerando as obras em foco nesta pesquisa, permite caracterizar e unificar minimamente os ambientes literários de Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado na qualidade de sertões, porque,

embora heterogêneos, estão todos ligados à condição de não responderem às lógicas hegemônicas – sequer enquanto periferias – da política, da cultura, da sociedade e da economia capitalista, em desacordo que estão com tais diretrizes ao serem estruturados em torno de poderes personificados, violências naturais e sociais, arbitrariedades políticas e fragilidades político-econômicas.

- 21 Recorridas em determinados momentos históricos, as imagens sertanejas ressaltam os desígnios de superar lógicas socioculturais e político-econômicas “obsoletas”, territorialmente fixadas, sob os auspícios de integração de tais espaços aos ditames e aos domínios do “civilizado” e do “moderno”. Assim, foi sob essa lógica que, durante a primeira Era Vargas (1930-1945), a atual Região Nordeste foi tida emblematicamente como “região-problema”, sob as bandeiras do “atraso” e da “obsolescência”; nesse panorama, o regionalismo/sertanismo literário nordestino parece ter contribuído significativamente, mesmo sem intenção explícita – até mesmo por ser, enquanto Arte, fruto muito mais de fruições do que de programáticas teleológicas –, para a ratificação do estatuto regional como território-Sertão, endossando os interesses estatais de fundação da imagética do retardamento e da necessidade de sua superação para levar a cabo os projetos de formação de um mínimo mercado nacional integrado.
- 22 No primeiro governo varguista, sobretudo durante o Estado Novo (1937-1945), instalou-se uma parceria entre os intelectuais e o Estado, de modo que tal aliança buscava impetrar objetivos comuns para o engrandecimento pátrio no cenário mundial, sem que, contudo, essa associação pudesse ser vista redutoramente como um servilismo político-ideológico da *intelligentsia* em relação ao poder central estatal. Não propriamente pioneira, a linhagem descritiva e propositiva que se estabeleceu à época apresentava uma variação em relação aos anteriores modelos interpretativos do Brasil: para além de auditor privilegiado, o Estado fora elencado como protagonista dos ensaios interpretativos da sociografia, depositando em suas atuações, em grande medida sob um viés centralizador e autoritário, a esperança de ordenamento e construção do país.
- 23 Desse modo, a forte atuação estatal seria a responsável por dirimir as diferenças da partição paradigmática do espaço brasileiro herdado, espraçando a soberania hegemônica e convertendo as autonomias desnacionalizadoras em subserviência a um controle estatal forte e homogeneizador. Nesse processo, as diferenças – sustentáculos das identidades regionais – seriam reduzidas a exotismos inofensivos e pitorescos, revestindo as ações do poder público, ratificadas e incentivadas pelos intelectuais, de um caráter intencional e planejado, garantindo uma completude (ainda que provisória) da “marcha civilizatória e modernizadora” pela efetiva territorialização e legitimação do Estado central.

Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado: as imagens do Sertão no regionalismo nordestino da Geração de 1930

- 24 A partir dos desideratos de (re)descoberta e (re)construção do Brasil nas bases histórico-geográficas do primeiro governo Vargas (1930-1945), pôde-se buscar perscrutar a ressonância dos projetos estatais nas vozes dos intelectuais-literatos canônicos daquele momento histórico-literário – Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos,

José Lins do Rego e Jorge Amado –, obtendo-se, em síntese, as considerações a seguir elencadas.

Rachel de Queiroz: a arquetípica imagem do sertão das secas nordestino

- 25 De Rachel de Queiroz a presente pesquisa privilegia a análise da obra *O Quinze* (1930). Aguiar Filho (1965) considera que o conjunto de todas as ficções da autora revela como maior constante a preocupação social, valorizando abertamente a crônica social que, a partir deste romance, dá o tom e figura-se como o fulcro de toda a sua obra ficcional, valendo-se da linguagem direta e da percepção objetiva da realidade.
- 26 Em suma, o principal drama da narrativa de Rachel é encarnado pela *seca*, fator de um determinismo da natureza impiedosa e inclemente, expressão objetiva dos infortúnios sociais para aqueles que não tinham melhores condições de sobrevivência nos períodos prolongados de estiagem, sendo forçados a migrarem. A paisagem sertaneja da seca é marcada pelo seu aspecto tórrido, estéril, em que a aridez monocromática – caracterizada pelo cinza da terra calcinada – é também o agouro da *fome*.
- 27 O rigor e a severidade transformavam a seca em um componente natural praticamente inelutável, um “adversário desleal” para a população rural pobre, de recursos limitados, de modo a gerar três consequências praticamente certas: (i) a resignação derrotista para com as agruras e os infortúnios do clima; (ii) o provável cenário da fome, transformando todos os viventes em meros sobreviventes e; (iii) a *morte*, personagem constante e parceira invariável no regionalismo literário nordestino, tornando-se um elemento banal, um drama frequentemente representado, mas nem por isso menos doloroso ou inédito.
- 28 Ante essas considerações, as imagens e características do *Sertão* em Rachel de Queiroz estão sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Síntese das características e imagens do *Sertão* em Rachel de Queiroz

LITERATO	OBRAS ANALISADAS	CARACTERÍSTICAS DOS SERTÕES	IMAGENS-SÍNTESE DO SERTÃO
Rachel de Queiroz (1910-2003)	<i>O Quinze</i> (1930)	- seca; - fome/miséria; - morte; - resignação; - êxodo/retirantes.	- <i>Sertão das secas</i> ; - região atrasada.

ORG.: O AUTOR.

- 29 Todo esse panorama revelava, pois, o atual Nordeste como uma “região-problema”, de natureza impiedosa e, em certo grau, determinista dos desditosos destinos dos trabalhadores rurais, os quais, sem maiores condições de se manterem ante as intempéries climáticas, se transformavam em *retirantes*, uma mão de obra barata em busca de trabalho nas capitais nordestinas ou no Norte ou Sul do país: uma “indústria da seca”, simbolizada pela geração de trabalhadores desamparados e de um intenso

fluxo de migrantes para os centros político-econômicos do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro e São Paulo.

- 30 Esse “viciado” enredo real, em que pesa a falta de condições de sobrevivência, encarnada pela seca, alimentou o forjamento do imaginário do atual Nordeste enquanto polo de problemas sociais e de “atraso”. Sob esses signos, a região foi desnudada para os leitores dos centros hegemônicos, o que seria aproveitado pelo regime político do Estado varguista para legitimar propostas de, no âmbito dos desígnios de articulação dos espaços regionais em uma concertação das diferenças em prol da unidade nacional (notadamente, da unidade do mercado doméstico), incorporar a região no escopo do “oficialismo” político, social e econômico do Brasil. No fundo, o que se deu foi o endosse da ideia de “região-problema”, que necessitava intervenções do poder estatal para diminuir as desigualdades e, no que interessa a esta pesquisa, transubstanciar aquele imenso Sertão – como a região foi genericamente interpretada – em não-sertão.
- 31 O Nordeste como “região-problema” ainda seria (como ainda hoje é) uma imagem candente das necessidades – como argumentam seus líderes políticos tradicionais – de investimento financeiro local/regional por parte do Estado, numa visão em que a região é genericamente encarada como um *grande sertão*, a despeito da heterogeneidade que abriga, o qual precisa ser incorporado constantemente pela onda do colonialismo interno ensejado pelo poder central.

Graciliano Ramos: o angustiado romancista das “secas vidas” do sertão nordestino

- 32 Em Graciliano Ramos, a angústia é a disposição espiritual sempre marcante, de modo que o mundo ficcional do literato é um universo sem amor e alegria, animado por personagens egoístas, cruéis e insensíveis, em geral desgraçados e malfadados pelo Destino; este, indefectível e aparentemente imutável, se impõe para humilhar e destruir tais figuras.
- 33 Segundo Lins (1945), as criaturas moventes de seus enredos são atormentadas por sua existência e consciência, uma vez que não encontram qualquer sentido para suas vidas e não se mostram aptas para quaisquer ações solidárias e cooperativas, sendo-lhes reservada apenas a condição da cáustica solidão; elas carregam em si, sob o pesado fardo da inevitabilidade de fatos desagradáveis e sem o suporte da fé, um grande poder de negação, beirando a um niilismo moral, a um desejo recôndito e talvez inconsciente de aniquilamento e destruição. O ambiente literário que envolve tais personagens parece uma projeção do estado de suas almas: possui qualquer coisa de deserto ou de casa fechada e fria. O ânimo é quase sempre desesperador, na certeza da incerteza, na única crença inquebrantável de que nenhuma ajuda, salvação ou redenção virá em auxílio desses personagens, entregues ao próprio destino, de caráter verdugo.
- 34 Nesse escopo e espírito literários, *São Bernardo* (1934) aparece como uma obra literária de grande valor, convincente análise do sentido atávico da posse e do sentimento de propriedade; neste universo, o *ter* suplanta em muito a supremacia do *ser*, e a “luta pela vida” desconsidera quaisquer escrúpulos de ordem moral ou afetiva, atualizando um sentido naturalista de “sobrevivência do mais forte”, encarnada pelo protagonista Paulo Honório, centro orbital do qual partem todas as tramas e personagens romanescas. Como pano de fundo, o coronelismo, a sociedade patriarcal nordestina e,

sutilmente, a tensão política pós-anos 1930 no Brasil surgem para projetar, no ambiente externo, os dramas e angústias do interior, do cenário psicológico do protagonista.

- 35 Tem-se, pois, o reverso, ou, mais propriamente, a desconsideração da moral, impondo o colapso dos valores humanos em que há a supressão das individualidades, uma “animalização” ou reificação do ser humano: os personagens são reduzidos às suas condições animais, de *bichos* ou *viventes*, despossuídos, somente com a vida para lutar e defender.
- 36 Diante desse quadro, comum a todos os romances do literato, tem-se um arraigado sistema antissentimental, em que a característica mais marcante não é o *humour*, mas o sarcasmo, resultado da revolta de uma sensibilidade vibrátil e tensa; tal sensibilidade, maltratada, macerada e sufocada, projetou no romancista um demiurgo de um universo literário impiedoso, centrado em cáusticas observações e severas repreensões. (LINS, 1945). O seu mundo romanesco é sempre povoado por “vidas secas”, configurando-se como um mundo sem amor, regido por sua concepção de vida, limitada, de um lado, pelos instintos humanos e, por outro, pelo Destino fatalista.
- 37 Toda essa objetividade e sisudez refletem-se na composição poética de Graciliano, marcada por um surpreendente estilo de concisão e rígido ascetismo das narrações e diálogos, cultivando uma prosa moderna no vocabulário e nas construções sintáticas, sem brechas para adjetivações desnecessárias.
- 38 Desse modo, têm-se, sinteticamente, as seguintes imagens do *Sertão* em Graciliano Ramos:

Quadro 2 – Síntese das características e imagens do *Sertão* em Graciliano Ramos

LITERATO	OBRAS ANALISADAS	CARACTERÍSTICAS DOS SERTÕES	IMAGENS-SÍNTESE DO SERTÃO
Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953)	<i>São Bernardo</i> (1934) <i>Vidas Secas</i> (1938)	<ul style="list-style-type: none"> - seca/rusticidade; - coronelismo/patriarcalismo; - violência/opressão/morte; - zoomorfização/reificação humana; - inutilidade das atitudes/resignação; - miséria/exploração; - retirantes/nomadismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Sertão das secas, da exploração e miséria;</i> - região atrasada; - espaço ordinário da angústia humana.

ORG.: O AUTOR.

- 39 Nas duas obras analisadas neste estudo – *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938) –, o romancista leva ao limite o clima de tensão entre o homem e o meio natural, e entre o homem e o meio social, engendrando conflitos veementes, capazes de moldar personalidades e transfigurar as qualidades dos homens. A violência é imperiosa, os finais são trágicos e irreversíveis, e a morte é uma constante, como atestam o suicídio de Madalena em *São Bernardo* e as mortes do papagaio e da cadela Baleia em *Vidas Secas*.

Com personagens oprimidos e moldados pelo meio – no caso dos protagonistas Paulo Honório e Fabiano, moldados pelo Sertão –, as estruturas que vigoram só permitem a resignação ante a força das inevitabilidades do Destino, baldando qualquer esforço, caracterizado sob o estatuto da absoluta *inutilidade*.

- 40 Seguindo os trilhos abertos por Rachel de Queiroz, o literato também expõe o flagelo dos *retirantes*, mas sob um universo literário mais rico do que o da romancista, pois tratado a partir de um vicioso ciclo em que a maior vilã não é a seca, mas sim a miséria – obviamente potencializada pelas condições ambientais extremas, tanto na figura das secas quanto na das enchentes –, que subjuga os humanos, concorrendo para sua animalização. Elemento emblemático da atual Região Nordeste, a *seca* em Graciliano atinge limites poético-literários sem precedentes, “contaminando” todo o enredo: para além da linguagem, também ela seca e rústica, a condição climática influencia na corrosão das almas dos personagens, modulando e lapidando os seus espíritos. Assim, em *Vidas Secas*, toda a verve e genialidade literária do escritor se explicitam, compondo quadros ao mesmo tempo trágicos e belos. O resultado ou efeito é a consumação de uma prosa regionalista ímpar.
- 41 Por conseguinte, o sertão de Graciliano Ramos cristaliza a imagem da seca; porém, mais importante do que esta imagem é a insígnia implantada dos espaços sertanejos como áreas de domínio de homens rústicos, sertanejos brutalizados e animalizados pelo ambiente e, sobretudo, pela miséria e exploração. Por outro lado, a seca e a “incivilidade” do sertanejo só corroboram o discurso oficial hegemônico do poder estatal nacional em transformar os sertões nacionais – em destaque para a “região-problema”, alcunha genérica do atual Nordeste – no dito não-sertão, espaço integrado à lógica do capital.
- 42 Contudo, em Graciliano Ramos tem-se, por outro lado, um literato da angústia e que beira ao niilismo, *re-ligando* todos os homens à condição de “condenados pelo Destino”; por essa ligação transcendente e universalista, da força da Arte do escritor emerge uma autêntica e humanitária retórica, em que o “homem rústico” dos sertões em nada difere do “homem civilizado” dos territórios integrados à lógica político-econômica hegemônica, e ainda mais longe e mais fundo, não muito diferentes mesmo dos demais animais ou criaturas viventes. Nesse contexto, a imagem negativa dos sertões se dissolve e, embora não se crie propriamente uma imagem positiva deles, os espaços sertanejos são encarados sob uma avaliação mais neutra e equilibrada, essencialmente nem bons ou ruins, melhores ou piores, autênticos ou artificiais: apenas espaços humanos, diferentes de outros hegemonicamente mais poderosos. Essa faceta, mais escondida, é a representação da obra poética e transcendente de Graciliano Ramos.

José Lins do Rego: o atraso e a injustiça nacionais nos sertões do “ciclo da cana-de-açúcar”

- 43 A terra nordestina foi, em seus quadros sociais, culturais, econômicos e políticos, o *leitmotiv* da obra artístico-literária de José Lins do Rego, romancista que buscava, nas memórias telúricas, as suas raízes perdidas no tempo, tencionando reconstruir um mundo em contínua fuga e mudança. Por isso, segundo Castello (1960), o literato foi uma legítima expressão modernista em sua faceta nordestina, ligada diretamente às sugestões e ideias de Gilberto Freyre, o que não anulava, de modo algum, a sua disposição espiritual para criações novas: dentre todos os modernistas do regionalismo

nordestino, José Lins foi o que mais se preocupou com uma posição crítica em face das atitudes e opiniões daqueles que, na porção sul do país, particularmente em São Paulo, conceberam a Semana de Arte Moderna e cristalizaram o movimento modernista ao longo da década de 1920.

- 44 Destarte, neto de senhores de engenho, as experiências da infância e da adolescência concorreram fundamentalmente para a composição de sua obra, forjada, anos mais tarde, a partir de impulsos espontâneos e irresistíveis, que, concomitantemente a uma atitude crítica regionalista, permitiram a ele fixar o esplendor e a decadência dos engenhos de açúcar: substituídos pela usina, os engenhos foram despojados de sua posição privilegiada, transformando toda a estrutura social e econômica da paisagem açucareira nordestina, latifundiária e patriarcalista. (CASTELLO, 1960).
- 45 Em última instância, toda a criação fecunda do “ciclo da cana-de-açúcar” – composto pelas obras *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943), todas em análise neste estudo – pautou-se na apresentação dessa decadência dos engenhos açucareiros nordestinos, expondo a transmutação do panorama regional a partir da decadência do patriarcalismo rural nordestino, fundamentado na figura dos senhores de engenho, para uma “instituição” da ordem hegemônica, as usinas de álcool e açúcar, centradas em relações capitalistas de produção e reprodução do capital – de modo que esse vetor da dita *modernização regional* significou a transubstanciação daqueles sertões para a condição de não-sertão. O surgimento das usinas afetou desde o homem do eito e o trabalhador “alugado” até a pseudoaristocracia dos tradicionais senhores de engenho⁶, alterando profundamente as estruturas econômicas, políticas, culturais e sociais regionais.
- 46 Quando mencionado o vocábulo “sertão” em suas obras, José Lins do Rego trata-os como paragens localizadas *a priori*, caracterizadas por sua fisiografia marcada pelo clima semiárido – acepção que, histórica e popularmente, “grudou-se” ao termo sertão. Nesse contexto, representou-se o espaço sertanejo como um espaço simbólico-material fundado em outra ordem: se para a lógica hegemônica os sertões representam um qualificativo daquilo que lhe escapa ao domínio, para os infratores e pobres pode designar uma esperança de outra vida, em que a condição de pobreza ou de foragido perde sua validade e vigor. A partir desse pressuposto, a miséria sertaneja é entrevista sob a candente insígnia da *seca*, estabelecendo dois processos traumáticos de migração: (i) o processo quase natural de migração dos sertanejos para as terras do massapé da Zona da Mata nordestina, submetendo-se ao regime de trabalho e de proteção dos senhores de engenho e; (ii) a migração para os centros político-econômicos da lógica hegemônica, alternativa já explorada em Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.
- 47 Outro ponto de contato e aproximação da obra de José Lins do Rego àquela apresentada por seu amigo Graciliano Ramos é a crença no fatalismo inevitável, recriando um panorama em que a expectativa é de uma inelutável tragédia, pré-determinada por um mí(s)tico Destino, sempre sórdido e ameaçador, e revelando em José Lins do Rego muito mais do que um depoente dos processos de transformação e modernização na esfera socioeconômica, mas também um romancista de notória manifestação da profundidade humana, desenvolvendo uma ampla compreensão do homem telúrico nordestino. Nesse escopo, as superstições, as crenças em criaturas folclóricas e a religiosidade aparecem como traços proeminentes do regionalismo nordestino, bem como a crença na Fortuna, regente das vidas individuais, impedindo qualquer outro sentimento que não a resignação.

- 48 Ante tais considerações, têm-se, sinteticamente, as seguintes imagens do *Sertão* no literato:

Quadro 3 – Síntese das características e imagens do *Sertão* em José Lins do Rego

LITERATO	OBRAS ANALISADAS	CARACTERÍSTICAS DOS SERTÕES	IMAGENS-SÍNTESE DO SERTÃO
José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957)	<i>Menino de Engenho</i> (1932) <i>Doidinho</i> (1933) <i>Bangüê</i> (1934) <i>O Moleque Ricardo</i> (1935) <i>Usina</i> (1936) <i>Fogo Morto</i> (1943)	- passagem do domínio dos banguês para o domínio das usinas; - patriarcalismo rural/coronelismo; - (pseudo) aristocracia rural; - mandonismos/politicagens/patrimonialismo; - violência/opressão; - miséria/fome/doenças; - perversão sexual/impudícia; - superstição/folclore; - misticismo/religiosidade/sincretismo religioso; - fatalismo/resignação; - semiárido: refúgio/seca; - cangaço/banditismo.	- <i>Sertão do atraso, de falência da moralidade e de ordem pré-racional</i> ; - relativa superioridade à ordem hegemônica, autoritária, opressora e de falacioso progresso social.

ORG.: O AUTOR.

- 49 O sertão de José Lins do Rego – semanticamente ampliado para corresponder à noção defendida nesta pesquisa – é valorado de modo complexo, impossível de ser simplificado entre pares dicotômicos como “bom” ou “mau”, “positivo” ou “negativo”: abordado a partir da nostalgia e das memórias do literato, a zona açucareira nordestina recebe a pecha da “obsolescência” e do “atraso”, uma vez que a alma genuína do romancista não poderia trair a sua sensibilidade e não delatar as misérias e os problemas que antevia na zona rural, adotando a postura crítica do modernismo, aplicado ao seu regionalismo literário.
- 50 Na projeção dos sertões do romancista, pesa o emblema do “atraso” a partir de diversas características, tais como: (i) a *impudícia* da prostituição e da antecipação sexual – também destacada nos enredos romanescos de Jorge Amado –, extirpadora da inocência pueril e emblema de uma amputação imoral da ingenuidade da infância; desse modo, é a ordem do não-sertão, por meio da instituição escolar, que exerce o papel de redenção e correção dos vícios da infância, contraídos nos engenhos. (ii) A crença profunda nas *superstições* e *fatalismos*, dando vazão ao *misticismo* e ao *conformismo* e *resignação*,

elementos denotares de uma ordem pré-racional, ainda que o literato mostre por vezes, a exemplo de Graciliano Ramos, um fatalismo inevitável: é o caso, por exemplo, do fracasso de Carlos de Melo no comando do engenho Santa Rosa, apesar de ser investido ou dotado da suposta superioridade da racionalidade, ao apresentar-se como bacharel. (iii) O ambiente patriarcal e pseudoaristocrático dos senhores de engenho, cicatrizado por um povo faminto, doente e com baixíssimo nível de vida, sendo tais condições vis de vida de grande parte da população mantidas pelo domínio político, interessado em conservar o patrimonialismo e o atendimento aos interesses pessoais de uma classe minoritária, política e economicamente poderosa.

- 51 Todo esse quadro fundamentou o cenário para o florescimento e a nutrição do *banditismo*, tido como uma representação da resistência da alma sertaneja, capaz de desafiar o próprio Estado; mas, por outro lado, também tido como fenômeno de perpetuação da violência e do medo na região, banalizando a *morte* – já, de certo modo, banalizada pela miséria e pela seca – e impedindo que a paz, a ordem e a civilidade se estabelecessem.
- 52 Todavia, apesar de todas essas características perniciosas, não é como se o oposto do sertão exposto – o *Litoral* (ou o não-sertão) – fosse encarado como o modelo de perfeição, a ser copiado e incorporado pela hinterlândia: a esse respeito, o escritor destila a sua censura à modernização produtiva ao enfatizar que a nova estrutura produtiva regional, fundada no predomínio da lógica industrial a partir das usinas de álcool e açúcar, apresenta-se tão ou mais exploradora do que o regime patriarcal de “suseranos” e “vassalos” dos engenhos.
- 53 Ante isso, mesmo sob a condição sertaneja de “atraso” dos ambientes privilegiados pelos romances de José Lins do Rego, o literato imputa uma relativa superioridade da bagaceira quando contraposta à urbe, antevendo com desconfiança o ambiente moderno dos espaços pautados na lógica hegemônica. Se, por um viés, a retórica do “atraso” sertanejo serviria para legitimar a “onda modernizadora”, incentivada pelo Estado nacional, na hinterlândia compreendida como Sertão, a postura crítica contumaz ao modelo da partição litorânea (aquela alinhada às lógicas hegemônicas) serviria para refrear o ímpeto de atuação dos agentes estatais e sociais preponderantes, entendendo-os como falácias do progresso, uma vez que mascaravam as formas de exploração, mantendo a estrutura da miséria, da violência e do autoritarismo; esse era o caso, por exemplo, das críticas à truculência da polícia, espécie de “cangaço oficial”, e do patrimonialismo e personalismo político dissimulado no escopo das instituições oficiais.
- 54 Portanto, a visão regionalista do literato é duplamente crítica: censura a “obsolescência” sertaneja, causa e consequência da miséria e do regime político autoritário, mas também – e talvez ainda mais – o modelo mimético fracassado do não-sertão, cuja modernidade não se enraizava no caráter da terra, incorporando acriticamente valores exógenos e não contribuindo efetivamente para o desenvolvimento socioeconômico almejado. Dessa dupla visão do discurso artístico-literário, porém, a retórica estatal aproveitou-se parcialmente para ratificar a imagem do atual Nordeste como um problema, conclamando a uma sonora “intervenção nos trópicos”, no sentido de modernizar as estruturas sertanejas obsoletas.

Jorge Amado: os sertões do “ciclo do cacau” como universo da violência dos coronéis

- 55 A produção artístico-literária de Jorge Amado é tonificada a partir do amálgama entre traços memorialistas e criações de acentuado teor artístico, fixando sua temática em dois pontos principais: o tema rural do cacau no Sul da Bahia, quadro privilegiado da infância do escritor e ocupação marcante na vida de seu pai e; a cidade de Salvador, com seus tipos sociais, sobretudo os mais populares.
- 56 O “ciclo do cacau” – composto pelas obras *Cacau* (1933), *Terras do sem-fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944), todas em análise neste estudo – concretiza, em suma, a narrativa da épica regional do sul baiano: em uma primeira etapa, edifica-se o exórdio da história regional com os “desbravadores da terra”, os coronéis, responsáveis pelo estabelecimento da lavoura cacaueira como base produtiva e marco da identidade regional; na etapa seguinte, quando o mundo coronelista já não comprazia com os ditames da ordem e da lógica hegemônica, marcado por um domínio político, econômico, sociocultural e mesmo jurídico “atrasado”, de ordem sertaneja, objetivou-se a sua superação. Nesta etapa, deu-se, pois, a mudança das estruturas produtivas, modificando a paisagem e, sobretudo, os atores sociais primazes, pois o poder hegemônico passou a ser apreendido pelos exportadores em detrimento dos coronéis, a despeito da conservação da base produtiva regional: o cacau. Desse modo, esta trilogia destaca o universo do patriarcalismo e do coronelismo nordestino, no qual se movem coronéis, lavradores, capatazes, senhores de família, prostitutas dos cabarés, comerciantes e exportadores.
- 57 Nesse universo coronelista, de marcante impunidade e violência – e em que pesavam, como elementos indispensáveis do enredo, os estratagemas de logro proposital (caxixes), os jagunços, as fogueiras criminosas, as mortes de trabalhadores e as tocaias –, a relação entre a política e a justiça era deveras estreita, caracterizada por jogos de interesses e flagrante parcialidade. No âmbito dessas considerações, a imagem fundada da zona cacaueira assenta-se em diversos e variados elementos, tais como: (i) a prevalência dos conflitos; (ii) a tensão permanente entre a violência e a riqueza, de modo que esta alimentou a fama regional, gerando um grande fluxo de migrantes regionais e de outras partes do país, atraídos sobretudo para Ilhéus, alcunhada de *Rainha do Sul*; (iii) a relação entre a coragem pessoal, a jagunçagem, a obediência e a “animalização” dos homens daqueles sertões; (iv) a exploração do trabalho – veementemente criticada pelo literato por suas convicções políticas – a partir, por exemplo, do sistema de *escravidão por dívida*; (v) a faceta institucional e partidária da política, transmitindo uma aura de confiança esperançosa na ideologia comunista para o futuro desenvolvimento humano; (vi) o sincretismo religioso entre a tradição católica e crenças e cultos de origem africana e; (vii) a iniciação ou manutenção da sexualidade pervertida com os animais, atestando o desrespeito às morais ditas civilizatórias.
- 58 Todas essas imagens, considerando as ambiências romanescas de Jorge Amado enquanto Sertão, denotavam, em última instância, o “atraso” expressivo da região em comparação aos centros político-econômicos hegemônicos, onde os conflitos eram resolvidos de acordo com os estatutos mais “modernos” e “civilizados” da ordem judicial.
- 59 Perante este ambiente literário de Jorge Amado, o espírito erigido entre os trabalhadores era fundado em um clima de torpeza e convicção da injustiça divina:

destinados a uma vida infeliz e insignificante, o fatalismo parecia poder apenas ser contornado por alternativas igualmente ou mais desditosas do que o árduo e explorador regime de trabalho no campo: (a) a prostituição nas cidades, sobretudo para as mulheres, sendo um tipo social bastante evidente nas caracterizações humanas de Jorge Amado; (b) o caminho aberto pela miséria ao banditismo/cangaço e; (c) o êxodo dos trabalhadores rumos aos centros hegemônicos – especialmente Rio de Janeiro ou São Paulo – ou a opção regional, Ilhéus, fazendo coro a outras retóricas literárias que exploravam esse fenômeno.

- 60 Em todo caso, a zona cacauzeira de Jorge Amado, por estar apartada da lógica política e socioeconômica hegemônica, pode ser considerada – a partir do viés defendido nesta pesquisa – como Sertão, ainda que não seja caracterizada pela seca ou pela Caatinga, balizas que, assim como em José Lins do Rego, circunscrevem-se ao vocábulo “sertão” do literato baiano.
- 61 Destarte, as imagens e características do *Sertão* em Jorge Amado estão sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 4 – Síntese das características e imagens do *Sertão* em Jorge Amado

LITERATO	OBRAS ANALISADAS	CARACTERÍSTICAS DOS SERTÕES	IMAGENS-SÍNTESE DO SERTÃO
----------	---------------------	-----------------------------------	---------------------------

<p>Jorge Leal Amado Faria (1912-2001)</p>	<p><i>Cacau</i> (1933) <i>Terras do sem-fim</i> (1943) <i>São Jorge dos Ilhéus</i> (1944)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - passagem do domínio dos coronéis para o domínio dos exportadores; - exploração trabalhista/reificação do trabalhador; - patriarcalismo/coronelismo; - impunidade aos poderosos/ parcialidade política e jurídica; - convulsão e tensão política; - violência/mortes/ tocaias; - banditismo; - animalização dos pobres/ obediência servil; - sexualidade pervertida/prostituição; - resignação/fatalismo; - propaganda da “terra prometida”/ riqueza/opulência; - semiárido: refúgio/fuga/desterro; - sincretismo religioso/misticismo/ crenças afrodescendentes; - êxodo/retirantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Sertão do atraso e do desafino com a moralidade civilizatória</i>; - contraposição ao Litoral, de falacioso progresso e artificial, marcado pelo caráter autoritário, pela politicagem e pela exploração/ desigualdade socioeconômica; - a transição e capitalização regional como manutenção dos sertões, consoante a lógica comunista.
--	---	---	---

ORG.: O AUTOR.

- 62 Portanto, o emblema do “atraso” da zona cacauera também pesa na descrição regionalista de Jorge Amado, assim como o fizera José Lins do Rego para a zona açucareira. Na obra desses literatos, há notáveis aproximações que decantam características denunciadoras da “obsolescência” dos ambientes privilegiados em suas tramas romanescas: a violência, o coronelismo, a perversidade sexual e a prostituição são máculas sociais e políticas que irrevogavelmente traçam o perfil regional em sua condição sertaneja, em falta de sintonia com a moralidade e os códigos éticos hegemônicos.
- 63 Se todas essas características denunciavam, à época, a condição sertaneja do Sul da Bahia, isso não indica, contudo, que a sua antítese, o não-sertão – o *Litoral* – significaria a redenção ou “salvação” daqueles sertões: aproximando-se novamente do literato

paraibano, Jorge Amado delatou a falaciosa aura progressista, civilizatória e moderna que a partição litorânea advogava para si, estabelecendo uma autoimagem de arquétipo bem-sucedido a ser copiado pela hinterlândia “atrasada”; contrapondo-se a essa visão faustosa dos espaços de domínio das ordens hegemônicas, o romancista desenvolveu uma verve literária de candente denúncia dos patrimonialismos políticos, das parcialidades jurídicas e do nefasto sistema de exploração socioeconômica e do trabalho.

- 64 Autor de uma resignação menos metafísica/transcendental, e mais mundana, aos fatalismos do Destino do que seus pares regionalistas, os personagens do literato baiano são mais conscientes das causas sociais, políticas e econômicas das situações desiguais a que estavam submetidos. Essa característica provavelmente reflete o perfil mais político-partidário do escritor, espontaneamente refletido em suas obras literárias e base para conjecturar que a região sulista baiana, mesmo após as transformações da estrutura produtiva, manteve-se, para Jorge Amado, sob o estatuto de Sertão: quando assumida a lógica do socialismo/comunismo do qual o literato fazia coro, o processo produtivo do capitalismo financeiro instaurado enquanto lógica hegemônica ainda conclamava a superação, de modo a alterar profundamente a ordem sociocultural, econômica e política. Assim, se para o Estado, tencionado na integração do mercado nacional, a modernização produtiva e as suas consequências eram emblemas da transubstanciação daqueles espaços sertanejos em não-sertão, sob a ótica do socialismo/comunismo, o presente da narrativa romanesca, assentado na transição e na cristalização dos exportadores como “donos da terra”, não passava da instauração de uma nova etapa a ser superada por outra etapa, sustentando a qualificação regional como Sertão.
- 65 Dessa maneira, em Jorge Amado – como em Graciliano Ramos e José Lins do Rego –, a leitura das obras, sob a ótica do Estado, foi *parcial*: foram anuladas ou, no mínimo, minimizadas as críticas candentes acerca do *status quo* estrutural e pérfido mantido com a chegada da ordem institucional estatal, sobressaindo-se a imagem do “atraso”, do personalismo e da parcialidade no domínio da política, economia e sociedade coronelista. A retórica artístico-literária era, em suma, ao menos como fora parcialmente interpretada, mais um nível de legitimação do imaginário nacional que reclamava a atuação estatal de transubstanciação dos sertões em não-sertão.

Considerações Finais

- 66 As características e imagens sertanejas apoiam, em alguma medida, a associação dos sertões nordestinos, nas suas variadas paisagens, ao emblemático perfil de distinção das paragens sertanejas enquanto “espaços infernais” – ou, em outras palavras, da livre e direta associação do heterogêneo território nordestino à pecha de “região-problema”. Nesse caso, o “atraso” e a “obsolescência” são elencados enquanto características típicas regionais em favor do endosso da necessidade de auxílio e intervenção estatal, conclamando projetos de apreensão e integração regional à “cartografia oficial” da soberania do Estado-nação. Seja por meio da violência natural – em que pesa a imagem generalizada da *seca* – ou por meio da violência social – em que pesam as características da *miséria social*, da *exploração* e da *imoralidade* –, os literatos do regionalismo nordestino da Segunda Geração Modernista contribuíram, em sua sanha de interpretação e denúncia do “Brasil real”, para ratificar a ideia do atual Nordeste como *região atrasada*,

imagem-síntese amplamente cristalizada no imaginário político, social e geográfico nacional.

- 67 Todavia, se na retórica de Rachel de Queiroz a violência e o atraso ficam muito focados no quadro natural da semiaridez, a verve artístico-literária, nos demais literatos, vai se ampliar para delatar de modo mais enfático o quadro social do retardamento, caracterizando a região em sua condição de “purgatório” – segundo a qual o “atraso” não era fruto de uma comparação aos centros hegemônicos do país, uma vez que todo o território nacional, ou mesmo global, estava imerso em nítida desigualdade e desumanização, denunciando as falácias do progresso civilizatório ou da racionalidade modernizadora. Assim, o que se tem é, em Graciliano Ramos, a ligação, pelo estatuto da ordinária angústia humana, dos espaços sertanejos aos demais, seguidores de outras lógicas; ou ainda a delação da desigualdade, miséria e exploração enquanto timbres também inerentes à lógica hegemônica, capazes de entrever certa superioridade do “atraso sertanejo” ante a lógica “oficial” e preponderante (José Lins do Rego) ou de compreender e subverter o suposto progresso e modelo a ser copiado em uma nova roupagem sertaneja de reclame à superação, em favor de lógicas mais humanitárias (Jorge Amado).
- 68 As marcas da denúncia do “Brasil real”, pérfido também em seu centro de poder, foram apagadas ou minimizadas pela retórica estatal, uma vez que o Estado estava apenas interessado nas imagens do “atraso” regional, legitimadoras de sua intervenção geográfica a partir de projetos de modernização na formação territorial brasileira. Destarte, nota-se que, mais do que “porta-vozes” privilegiados e de amplo público-leitor, os literatos da Geração de 1930 aqui enfocados não forjaram retóricas que se alinharam, simples e francamente, aos projetos intervencionistas do Estado, mas, ao contrário, foi o Estado que se apropriou dos discursos literários sob uma aparente perspectiva parcial, exercendo, por meio dessa apropriação, um recrudescimento do imaginário, construído e referenciado no Litoral, do retardamento e da degradação da hinterlândia, máculas a serem corrigidas no intuito de engrandecimento pátrio.
- 69 Transformados em canônicos, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado tiveram os seus discursos alçados à condição de *eficácia política*, de modo que, mesmo que incorporados flagrantemente de modo parcial, participaram significativamente na legitimação da necessidade de superação dos sertões nacionais por meio da ampla repercussão de suas retóricas no imaginário geográfico e na “alma nacional”, denunciadoras das características perniciosas dos sertões que divulgaram. Porém, faz-se necessário confirmar o alinhamento entre as retóricas literária e estatal-nacional com novas pesquisas no âmbito da *recepção dos discursos*: assim, poderá se precisar com maior clareza em que medida os discursos literários circulantes “na boca do povo” foram efetivamente incorporados nos projetos e ações estatais e, por outro lado, em que medida serviram para que os projetos fossem aceitos e legitimados pela população.
- 70 A substância essencial das investidas territorialmente transformadoras parece assentar-se na capacidade de renovação do Sertão ao longo da história nacional: os decantados sertões da Era Vargas, divulgados pelas prosas regionalistas do modernismo literário, ressurgem – seja como realidade efetiva ou como “ameaça” –, ao longo da “interminável” hinterlândia brasileira, sob novas aparências, a partir, por exemplo, da ovação da monumentalidade da modernidade urbana, marca da posição contrária ao aspecto sertanejo.

- 71 Esse “ressurgimento” não passa de uma atualização de processos bem mais antigos, em curso ao longo da história da formação territorial brasileira, que tendem a se manter, por meio de formas mutantes – mas conservando o conteúdo do autoritarismo e desigualdade –, a não ser que ousemos aprender com as manifestações mais puras e autênticas da Arte a questão das *escolhas*: sob uma ótica ontológica, o que se *é* resulta daquilo que se *escolhe ser*, e, embora não se escolha tudo – devido, sobretudo, às condições objetivas existentes –, faz-se necessário evitar fatalismos e assumir a responsabilidade de que se escolhe muita coisa, sendo possível até mesmo, não olvidando a relação de forças envolvidas, o enfrentamento e/o negação dessas condições objetivas; essa crença também se projeta no plano nacional, acreditando que enquanto povo escolhemos muita coisa sobre nós mesmos, sobre nossos destinos coletivos, projetando mudanças ou ao menos vislumbrando alternativas para este resiliente conteúdo do autoritarismo e desigualdade, persistente em nossas formações territorial e nacional.
-

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR FILHO, Adonias. O romance *O Quinze*. Rio de Janeiro, 1965. In: QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. 24.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978 [1930].
- CASTELLO, José Aderaldo. *Memória e Regionalismo*. São Paulo, 1960. In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho, Doidinho, Bangüê**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960 [1932/1933/1934]. v.1 (Coleção Obras de José Lins do Rego: Romances Reunidos e Ilustrados).
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Trad. Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999.
- LINS, Álvaro. As “memórias” do romancista explicam a natureza e a espécie dos seus romances. 1945. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 74.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1998 [1938]. p. 137-142.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Annablume, 2005 [1988].
- _____. **Geografia Histórica do Brasil: Cinco ensaios, uma proposta e uma crítica**. São Paulo: Annablume, 2009.
- SOUZA, Candice Vidal e. **A Pátria Geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

NOTAS

1. Artigo derivado da Dissertação de Mestrado homônima, orientada pela Professora Dra. Rita de Cássia Martins de Sousa Anselmo e defendida em junho de 2012, no âmbito do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG-UFU).
2. Segundo Moraes (2005), os pensamentos geográficos referem-se a discursos – emersos em diversas instâncias, incluindo a literária – que substantivam o modo pela qual uma dada sociedade, num momento histórico específico, entende o seu meio e as relações estabelecidas com ele.
3. A pesquisa enfoca os autores canônicos do momento histórico-literário em foco – a Segunda Geração Modernista, ou Geração de 1930 – por serem os que melhor encarnam o papel de *indivíduos expressivos* à época, uma vez que há uma estreita relação entre a representatividade literária e as esferas de legitimação e de poder (ou seja, de reconhecimento pela crítica literária e público-leitor). Destarte, a pesquisa pautará sua análise nas obras desses literatos as quais, segundo seus próprios escopos temáticos, são mais afeitas ao conteúdo socioespacial e político-econômico dos espaços sertanejos, a saber: (i) de Rachel de Queiroz, *O Quinze* (1930); (ii) de Graciliano Ramos, *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1937); (iii) de José Lins do Rego, as obras do “ciclo da cana-de-açúcar”: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943); (iv) de Jorge Amado, as obras do “ciclo do cacau”: *Cacau* (1933), *Terras do sem-fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944).
4. Para uma visão panorâmica, no âmbito do Pensamento Social Brasileiro, das interpretações da dualidade Sertão/ Litoral do território brasileiro, ver as obras de Souza (1997) e Lima (1999).
5. Souza sintetiza a dualidade das possibilidades de entendimento da porção sertaneja enquanto espaço da “barbárie” e matriz da nacionalidade: concebido como vastidão espacial “desocupada” ou dominada por um modo de viver específico, o Sertão se configura como um *constructo* geográfico que protagoniza as narrativas do pensamento social brasileiro, impondo enunciados de cunho projetivo. “A motivação para pensar o Brasil é a convicção de uma nação incompleta, por isso o dito sobre o sertão se faz com ares de diagnose e, mais, reveste-se de acusações à sua permanência enquanto fardo para o país.” (SOUZA, 1997, p.161). Por outro lado, a *alma* genuinamente nacional parece estar resguardada nos sertões, precisando ser recuperada: “Como se desistisse de ver apenas negatividades nesse lugar sertão, o sociógrafo admite qualidades que devem ser preservadas e, se possível, aproveitadas como boa contribuição para a nação.” (SOUZA, 1997, p.161). O que se impõe é, portanto, a necessidade de neutralizar os traços e resíduos indesejáveis, diminuindo as disparidades e levando a “civilização” e a obediência ao poder estatal para esta hinterlândia.
6. Cabe ressaltar, todavia, que muitos dos senhores de engenho, com vias a não perder o “cetro do comando” regional, converteram-se em usineiros e, assim, à luz da nova lógica, assumiram um poder de mando na sociedade, na política e na economia. Esse foi o caso, nos romances do literato, do Doutor Juca (tio de Carlos de Melo, espécie de alterego de José Lins do Rego nos romances do ciclo), que, a despeito de seu fracasso em seu novo papel social, não reproduz ou representa todos os casos, fazendo do fenômeno da capitalização do atual Nordeste a partir das usinas mais um evento de *modernização conservadora* na história da formação territorial brasileira.

RESUMOS

Esta pesquisa analisa como a ideia de *Sertão* é construída discursivamente ao longo dos Romances Regionalistas da Geração de 1930, perscrutando em que medida as imagens dos sertões literários dos escritores canônicos desse momento – Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado – endossaram as ações intervencionistas –sob os signos da modernização– para a consolidação de um Estado central no território brasileiro.

Esta investigación analiza cómo la idea de *Sertão* se construye discursivamente en los Romances Regionalistas de la Generación de 1930, examinando el grado en el que las imágenes de los literarios interiores de los escritores canónicos de la época –Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego y Jorge Amado– ratificó las acciones intervencionistas –bajo los signos de la modernización– para la consolidación de un Estado central en Brasil.

Cette recherche aborde la construction discursive de l'idée du *Sertão* au fil des romans régionalistes de la Génération de 1930, analysant de quelle façon les images des *sertões* littéraires mobilisées par les écrivains canoniques de ce moment (Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego et Jorge Amado) assumèrent les actions interventionnistes, sous le signe de la modernisation, pour la consolidation d'un État central dans le territoire brésilien.

This research examines how the idea of *Sertão* is discursively constructed along the Generation of 1930's Regionalist Novels, intending to scrutinize in which extension the images about the literary hinterlands of the canonical writers of that time – Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego and Jorge Amado – have endorsed the interventionist actions –under the signs of modernization– to the consolidation of a central State in the Brazilian territory.

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil, Sertão

Palavras-chave: Sertão, discursos literários, projetos estatais-nacionais

Palabras claves: Sertão, discursos literarios, proyectos estatales-nacionales

Keywords: Sertão, literary discourses, state-national projects

Mots-clés: Sertão, discours littéraires, projets d'état-nation

Índice cronológico: 1930, 1940

AUTOR

ARTUR MONTEIRO LEITÃO JÚNIOR

Mestre em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG-UFU).
artur_ml_junior@yahoo.com.br